

**RESENHA DO LIVRO: LA BIBLIA DEL PROLETARIADO. TRADUCTORES Y EDITORES
DE *EL CAPITAL* EN EL MUNDO HISPANOHABLANTE**DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i3.39090>Daniel Lucio Petronzelli¹

Na produção do historiador do pensamento marxista e da esquerda latino-americana Horacio Tarcus se destaca os seus estudos sobre a difusão e recepção das ideias de Karl Marx. Entre suas obras, pode-se ressaltar: *Marx en la Argentina: sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos* (Siglo XXI, 2007), onde procura investigar como se desenvolveu historicamente na Argentina, entre as três últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o processo de difusão e recepção das ideias de Marx.

Como prosseguimento desses seus estudos, em *La biblia del proletariado: traductores y editores de El Capital en el mundo hispanohablante*, Tarcus apresenta um conjunto de contribuições voltados a ampliar e aprofundar o entendimento sobre a trajetória das ideias de Marx. Organizado em cinco capítulos, o livro apresenta um vasto panorama da história das traduções e edições de **O Capital** no mundo de língua espanhola. O capítulo 1 - La edición príncipes y las reediciones alemanas (p.15-26) trata das edições alemãs de **O Capital** no tempo de Marx e Engels e de edições posteriores que foram importantes para a sua difusão. O capítulo 2 – Primeras traducciones (p.27-34) identifica as primeiras traduções, sublinhando a edição popular francesa de Joseph Roy. Nesses dois capítulos, o objetivo é destacar as edições alemãs e francesa que circularão na Espanha e na América Latina e servirão de base para as traduções em espanhol. O capítulo 3 – Las versiones al español (p.35-102) é o capítulo central do livro e ocupa mais da metade de suas páginas. Nele se apresenta a história das edições e traduções de **O Capital** em língua espanhola e destaca a estreita relação entre a política e as atividades realizadas por editoras e tradutores. O capítulo 4 – *El capital* al alcance de todos. Los resúmenes populares (p.103-116) trata dos resumos populares de **O Capital**, e de como eles foram as edições que verdadeiramente se difundiram entre intelectuais e operários de língua espanhola. Por fim, o capítulo 5 – Presencia de *El capital* en el mundo hispano-americano (p.117-122) aborda sobre a presença atual de **O Capital** na América Latina. Além desse conteúdo, o trabalho apresenta uma rica reprodução de inúmeras capas de diferentes edições de **O Capital** e de outros escritos econômicos de Marx em diferentes línguas.

O primeiro capítulo pode ser dividido em duas partes. A primeira se refere as edições alemãs no tempo de Marx e Engels, todas publicadas pela Verlag von Otto Meissner, de Hamburgo. Marx acompanha a publicação da primeira (1867) e da segunda (1872-1873) edição do Livro I – esta última corrigida pelo autor. A terceira edição é aumentada por Engels a partir das correções de Marx e publicada em 1883. A quarta edição, também aumentada por Engels com base na versão inglesa de 1887, é publicada em 1890. Por fim, os Livros II e III são editados por Engels e publicados em 1885 e 1894 respectivamente. A segunda parte do capítulo trata de outras quatro edições alemãs. A primeira edição é a

de Karl Kautsky, organizada a partir da segunda edição alemã e publicada em 1914. A segunda edição é a do Instituto Marx-Engels-Lenin de Moscou que publica, em 1932, a quarta edição alemã. A terceira edição é a de Karl Korsch, baseada na segunda edição alemã e publicada em 1932. Por fim, a quarta edição é publicada nos anos de 1960, em Berlim, e se baseia na quarta edição alemã, compondo o projeto *Marx-Engels Werke*. Essas quatro versões revelam um importante fato: a disputa pela edição oficial, ou canônica, do texto de Marx. Além delas, Tarcus indica duas distintas edições de **Teorias da mais-valia**, texto de Marx que compõe os **Manuscritos de 1861-1863**. A primeira edição é organizada por Kautsky e publicada entre 1905 e 1910. A segunda edição é publicada pelo Instituto de Marxismo-Leninismo de Berlim, em 1956.

Após tratar dessas edições alemãs, o capítulo seguinte apresenta algumas breves considerações sobre as primeiras traduções de **O Capital**. Em particular, sublinha-se a edição francesa preparada por Roy – sob a supervisão do próprio Marx – e publicada em fascículos entre 1872 e 1875 e reimpressa em 1885. Como observa Tarcus, o que interessa aqui são “as edições alemãs e a edição francesa, porque a partir dessas versões **O Capital** ingressou no mundo de língua espanhola” (TARCUS, 2018, p.33, tradução livre).

O livro de Marx entra no mundo de língua espanhola a partir da edição de Roy. Em 1873, o próprio Marx envia a seu correspondente em Buenos Aires, Raymond Wilmart, os primeiros cinco fascículos de sua obra em francês. Essa é a primeira referência da circulação de **O Capital** na América Latina. Paralelamente na Espanha, com as intervenções de Paul Lafargue, o jornal socialista *La Emancipación* publica, em Madri, os fascículos da edição francesa, traduzindo ao espanhol alguns fragmentos do texto. Como destaca Tarcus no início de seu terceiro capítulo: “antes que frente à uma história espanhola ou latino-americana, estamos diante à um caso de história transatlântica” (TARCUS, 2018, p.39, tradução livre). É importante destacar que esse capítulo pode conduzir o leitor à uma inquietante observação: quanto mais intensa é a relação entre a política e o tradutor maior é o cuidado com o rigor da tradução. Até o presente momento, registram-se doze tradutores que verteram **O Capital** para o espanhol: seis espanhóis, quatro argentinos, um uruguaio e um chileno.

Com base na edição francesa aparece a primeira tradução de **O Capital** para o espanhol. Realizada pelo advogado republicano espanhol Pablo Correa y Zafrilla (1844-1888), a tradução é publicada em formato de folhetim no jornal *La República*, entre 1886 e 1887. Ainda em 1887, os folhetins são reunidos em volume único. Embora se trate da primeira versão em espanhol, Correa y Zafrilla traduz apenas as três primeiras seções do Livro I. Como sublinha Tarcus, é uma tradução imprecisa. A incompletude e a imprecisão são dois aspectos que contribuem para a necessidade de se realizar uma nova tradução.

Este trabalho é realizado pelo médico e destacado pensador e militante socialista argentino Juan Bautista Justo (1865-1928), que “mostrava uma extraordinária sensibilidade social, um vivo interesse pelos assuntos econômicos e uma inquietude política” (TARCUS, 2018, p.44, tradução livre). Membro fundador do jornal *La Vanguardia* e do Partido Socialista, conhece, em 1895, o tipógrafo e membro fundador do Partido Socialista Obrero Español (PSOE) Antonio García Quejido. Desse contato nasce o projeto de

tradução do Livro I de **O Capital**. Preparada a partir da quarta edição alemã, a tradução de Justo é editada por García Quejido e publicada, em Madri, em cadernos quinzenais entre 1897 e 1898. Em 1899, é reunida em volume único. Paralelamente, o jornal argentino *La Vanguardia* publica os fascículos entre 1897 e 1898, e o volume único em 1899. A versão é ainda reeditada três vezes (1918, 1946, 1947).

A primeira tradução completa dos três Livros que compõem **O Capital** aparece no momento em que os espanhóis vivem o clima criado pela Segunda República. Embora não se trate de uma editora partidária e sim de um empreendimento comercial, a editoria Aguilar atende, desde a década de 1920, um crescente público interessado pela literatura marxista. Essa editora é a responsável por encomendar a terceira tradução de **O Capital**, publicada, em volume único, em 1931. O trabalho de tradução fica a cargo do advogado, docente e político socialista cubano Manuel Martínez Aguilar y de Pedroso (1883-1958), que durante a década de 1920 realiza inúmeras traduções de obras francesas e alemãs. Eleito deputado pelo PSOE, exila-se no México pelo desfecho da guerra civil. Em 1945, a sua tradução é reeditada, em cinco volumes, pela Fuente Cultural, editora ligada ao movimento comunista mexicano. Em 1972, outra edição é impressa, embora parcialmente, pela editora colombiana Oveja Negra.

Tão logo a primeira tradução completa entra em circulação, ela é criticada por Wenceslao Roces Suárez (1897-1992). Jurista, docente e membro do Partido Comunista Español (PCE), torna-se sócio da editora Cenit na década de 1930. Aqui, traduz autores marxistas e organiza a coleção Biblioteca Carlos Marx. Na coleção está presente a sua edição do Livro I de **O Capital**, traduzida a partir da edição do Instituto Marx-Engels-Lenin e publicada em fascículos, entre os anos de 1933 e 1935. Em 1934, é reunida em dois volumes. Em 1939, exila-se no México, onde compõe a seção do PCE e trabalha como tradutor da Fondo de Cultura Económica (FCE) e da Grijalbo. A partir da edição de Kautsky, faz a primeira tradução ao espanhol dos manuscritos de Marx sobre as teorias da mais-valia com o título *Historia crítica de la teoría de la plusvalía* publicado pela FCE, em 1945. Pela mesma editora, publica a tradução completa de **O Capital**, em 1946, em cinco volumes, baseada na edição do Instituto Marx-Engels-Lenin. Essa versão continua sendo a mais difundida nos países de língua espanhola, tendo a sua segunda edição publicada em 1959, a terceira em 1999 e a quarta em 2014. É importante destacar que Tarcus apresenta esta última edição como uma correção atenta do Livro I realizada por Roces. Entretanto, parece não se tratar de uma correção, e sim de uma nova tradução. No texto de abertura dessa edição, publicada pela FCE, pode-se ler: “em vida, não foi possível a Wenceslao Roces ver publicada sua segunda tradução de **O Capital**. [...] Entre a primeira tradução de **O capital**, que circula até hoje, e a segunda, que a substituí agora, medeião mais de 50 anos” (Pacheco, 2014, apud Marx, 2014, p.VII, tradução livre).

Outra tradução completa é realizada por Juan E. Hausner e publicada em Buenos Aires, em 1946, pela editora Biblioteca Nueva. Nessa quinta tradução, o Livro I é uma reedição da versão de Justo e os Livros II e III são vertidos ao espanhol por Hausner a partir da edição do Instituto Marx-Engels-Lenin de Moscou.

A sexta tradução é apenas mencionada, como destaca Tarcus, por curiosidade. Essa edição é publicada em Madri, em 1967, pela editora comercial Ediciones y Distribuciones Antonio Fossati (EDAF). Elaborada a partir da versão francesa da Éditions Sociales, a tradução é realizado por Juan

Miguel Figueroa e mais sete tradutores que, sem maiores cuidados, estabelecem uma edição pouco coerente e imprecisa.

No agitado quadro político causado pela derrota do peronismo, o Partido Comunista da Argentina (PCA) e sua casa editorial, a Cartago, iniciam a sétima tradução de **O Capital**. Inaugurada em 1956, a Cartago promete publicar uma série de livros de autores marxistas. Pela primeira vez em espanhol, publica-se, por exemplo, as *Obras completas* de Lenin em quarenta e quatro volumes entre os anos de 1956 e 1960, traduzidos do russo. Com algumas modificações, a editora publica, em 1956, a edição de Rocés de **O Capital** e acrescenta, como livros IV e V, a sua *Historia crítica de la teoría de la plusvalía*. Essa edição produz uma série de inconvenientes entre a Cartago e a FCE. Após esses incidentes, a editora portenha publica uma nova tradução. O trabalho é encarregado a Floreal Mazía. Tradutor profissional, especializado em literatura, Mazía não é familiarizado com os conceitos marxianos e, além disso, mostra-se contrário a tradução a partir da edição francesa. Entretanto, seguindo as recomendações do PCA, baseia sua tradução na edição de Roy. A nova versão é publicada em três volumes, em 1973. Nesse mesmo ano, a versão aparece compondo a edição *Obras escogidas de Marx y Engels* em doze volumes, da editora portenha Ciencias del hombre.

Ainda em 1973, aparece a oitava tradução na Argentina. Traduzida possivelmente da edição francesa da Garnier-Flammarion e publicada pela editora Corrigidor, embora de maneira apenas parcial, essa versão não indica a edição utilizada para a tradução. Sabe-se que é precedida pelo prólogo de Louis Althusser: *Advertissement aux lecteurs du LI du Capital*, publicado originalmente na edição da Garnier-Flammarion. Tão pouco se faz referência ao nome do tradutor. Pode-se ler apenas que a tradução foi supervisionada por Raúl Sciarretta (1922-1999). Descrito como um professor socrático, pouco propenso a escrita e inclinado a oralidade, Sciarretta influencia duas gerações de epistemólogos e psicanalistas argentinos. Além disso, é conhecido por sua busca por uma teoria científica da leitura. Durante a década de 1960, ministra cursos de leitura de **O Capital** a partir da perspectiva althusseriana.

Durante três décadas, como destaca Tarcus, a tradução de Rocés “teve apenas competidores, porque as edições argentinas da Cartago [...] não foram senão cópias presumivelmente ‘melhoradas’ da sua. Inclusive as edições cubanas foram frequentemente cópias fotográficas exatas da edição da FCE” (TARCUS, 2018, p.66, tradução livre). Entretanto, esse cenário é modificado com o surgimento da nona tradução elaborada por Pedro Scaron (1931-2014).

O principal acontecimento nesta história política das traduções e edições de **O Capital** ocorreu em julho de 1975, quando a Siglo XXI publicou o primeiro volume traduzido por Pedro Scaron. Em todo caso, um acontecimento cuja importância só pode comparar-se à primeira tradução direta do alemão feita por Juan B. Justo em 1898. Sem chegar a ser – nem pretendo sê-lo – uma edição crítica de **O Capital**, Scaron submetia à uma crítica demolidora as traduções anteriores amparadas em sucessivas fontes de autoridade e recolocava o problema da necessária eleição entre as diversas edições “originais. Traçava assim as coordenadas para uma futura edição crítica. (TARCUS, 2018, p.79, tradução livre)

Sem estudos regulares e autodidata, “a cultura marxista latino-americana deve a este tradutor libertário algumas das melhores e mais cuidadas edições de Marx” (TARCUS, 2018, p.91). Em 1968,

Scaron publica em *Cuadernos de Marcha* a sua recopilação dos textos de Marx e Engels sobre a América Latina, despertando o interesse de José Aricó, que reedita o seu trabalho em *Cuadernos de Passado y Presente*, em 1972. No início da década de 1970, muda-se para Buenos Aires. Na cidade portenha, elabora a primeira tradução do capítulo VI (inédito) do Livro I de **O Capital**, publicada pela Signos em 1971. Pela editora Siglo XXI, publica a tradução dos *Grundrisse* em três volumes, em 1971, 1972 e 1976.

Entre 1975 e 1981, Scaron publica a sua tradução de **O Capital**, editada em 8 volumes pela Siglo XXI – “foi o primeiro esforço para estabelecer uma edição crítica de **O Capital** em qualquer idioma, incluindo o alemão, o russo e o francês” (TARCUS, 2018, p.83, tradução livre). É o primeiro volume de uma coleção que influenciará a cultura marxista latino-americana: a Biblioteca del Pensamiento Socialista, dirigida por José Aricó. A versão de Scaron é uma primeira tentativa de se aproximar a uma edição crítica. Entretanto, se é apenas uma primeira tentativa, ela antecipa o critério utilizado pela Nova MEGA uma década depois. De acordo com Scaron, é necessária a elaboração de uma edição onde estejam presentes, por um lado, as semelhanças e diferenças das duas versões redigidas por Marx e, por outro, as variações da versão francesa, já que Marx também trabalha sobre ela. É necessário também identificar os acréscimos de Engels. Por fim, mostra-se necessário apresentar numa tal edição as variações presentes nos esboços elaborados por Marx durante a produção de **O Capital**. Entre as novas edições do Livro I de **O Capital** merece particular destaque a italiana organizada por Roberto Fineschi e publicada em 2011, em dois volumes, pela editora La Città del Sole de Nápoles. Trata-se de é uma tradução revista da de Delio Cantimori, e reproduz além do Capítulo I da edição de 1867 e do apêndice ao Capítulo I sobre a Forma Valor, o Capítulo VI Inédito e um Manuscrito de 1871-1872. Esta edição reproduz, igualmente, o conjunto das variantes entre as quatro edições alemã e da edição francesa e apresenta um índice comparativo destas diferentes edições (Marx, 2011).

Para a tradução do Livro I, Scaron utiliza a segunda edição alemã, criando um sistema de notas e apêndices para apresentar as variações com relação a edição alemã de 1867. As notas também apresentam as variações e acréscimos realizados por Engels. Por fim, traduz as citações de terceiros feitas por Marx – não as retraduzindo do alemão, senão do original. Para os Livros II e III de **O Capital**, o critério adotado é a distinção entre o trabalho – quase autoral – de Engels e a redação original de Marx. Entretanto, como não tem acesso aos manuscritos de Marx preservados no Instituto de História Social de Amsterdã, “Scaron ‘desconstruiu’ até onde lhe foi possível a edição de Engels, isto é, a submeteu a um minucioso cotejo com as edições [...] das *Werke* alemãs e na edição francesa de *Oeuvres* organizada por Rubel” (TARCUS, 2018, p.89-90).

Em 1975, quando então conclui a tradução do Livro I de **O Capital**, Vicente Romano García (1935-2014) conhece, e se impressiona, com a versão de Scaron. Mais da metade de seu prólogo é destinado a discutir a versão de do tradutor uruguaio. Se, por um lado, Romano García reconhece a importância da tradução de Scaron e de seu projeto crítico, por outro, condena os seus excessos contra a edição de Roces. Comunicador social, membro do PCE e tradutor, Romano García utiliza para a sua tradução, encomendada pela editora Akal, a edição da Dietz de 1962. Além disso, coteja sua tradução com

as edições de Roy e de Roces. Entre 1975 e 1976, a sua tradução é publicada em 8 volumes no formato de livro de bolso, compondo a coleção Akal 74.

A décima primeira tradução é realizada por Manuel Sacristán (1925-1985). Filósofo espanhol, seu trabalho revela diversas faces: investigador, professor, ensaísta, editor e tradutor. No início da década de 1970 se afasta do PCE e projeta, em conjunto com a editora Grijalbo, a edição *Obras de Marx y Engels* (OME), inspirada na *MEW*. A edição pretendia organizar sessenta e oito volumes. Mas apenas doze foram publicados, entre os quais os Livros I e II de **O Capital**. Baseando sua tradução na edição publicada pela *MEW*, Sacristán esclarece que sua escolha pela edição de Engels se justifica por ser a mais corrente no mundo editorial e por estar presente a quase um século no movimento socialista e operário e em meios intelectuais. A tradução é publicada em 1976, em dois volumes, pela editora Grijalbo. Além de **O Capital**, Sacristán se dedica a traduzir uma série de autores marxistas.

Por fim, a última tradução é realizada por Cristián Fazio. Em meados da década de 1980, seu pai Hugo Fazio, exilado chileno que então residia na URSS, recebe o pedido para organizar a tradução. Limitando-se ao trabalho de revisor, delega seu próprio filho, Cristián, para realizar a atividade. Ambos trabalham sobre a quarta edição alemã. A tradução é publicada pela editora Progreso, em 1990. Entretanto, publica-se apenas o primeiro tomo da tradução. O segundo tomo, traduzido e entregue à Progreso, acaba se perdendo no período de dissolução da URSS.

Embora essas traduções de **O Capital** circulem entre intelectuais e operários, o livro de Marx é verdadeiramente difundido no mundo de língua espanhola a partir de suas versões resumidas. Como observa Tarcus em seu quarto capítulo, entre as questões que permeiam essa difusão se encontra a complexa relação entre a exposição de Marx e a necessidade de sua divulgação. Os resumos mais difundidos são o do italiano Carlo Cafiero (1879), o do francês Gabriel Deville (1884) e dos alemães Julian Borchardt (1920) e Otto Rühle (1939). Um resumo curioso, por ser uma adaptação à realidade argentina, é elaborado por Eduardo A. Astesano (1955).

Como desfecho do livro, Tarcus apresenta em seu último capítulo algumas considerações sobre a presença atual de **O Capital** no mundo de língua espanhola. Tão popular no século XIX e em meados do século XX, a folhetaria, pela qual eram publicados os resumos e outras obras, é hoje um meio de divulgação em vertiginoso declínio. Em seu lugar aparecem as edições ilustradas, o cinema, as histórias em quadrinho e até mesmo os vídeos no Youtube – estes meios de divulgação estão em pleno crescimento. Quanto a sua atual leitura, **O Capital** encontra espaço nas universidades e em grupos extracurriculares. São frequentes os seminários sobre o livro. Além disso, há a disposição importantes ferramentas para auxiliar a leitura, como os livros de Michael Heinrich e David Harvey. Embora se trate de brevíssimas notas, é curioso que Tarcus não faça menção ao problema da inserção dos textos de Marx – ou a falta dela – nos círculos operários. Independentemente do juízo que se faça a seu respeito, a obra de Marx continua sendo uma peça chave para o entendimento do Modo de produção capitalista.

O livro de Tarcus é uma importante contribuição para as discussões sobre o pensamento de Marx nos países de língua espanhola. Ao mesmo tempo, é um estímulo para os pesquisadores brasileiros. Em particular, é importante destacar a escassez de estudos sistemáticos sobre a difusão e a recepção das

obras de Marx e Engels no Brasil. Não há, por exemplo, uma investigação sobre as traduções de **O Capital** para a língua portuguesa. Até o presente momento existem quatro traduções: três brasileiras (Reginaldo Sant'Anna - Civilização Brasileira, 6 volumes, 1968-1974; Régis Barbosa e Flávio R. Kote, sob a coordenação e supervisão de Paul Singer – Abril Cultural (Coleção Os Economistas), 5 volumes, 1983-1985; Rubens Enderle – Boitempo, 3 volumes, 2013-2017) e uma portuguesa (José Barata-Moura e colaboradores – Editorial Avante, 8 volumes, 1990-2017). Os trabalhos sobre a difusão e recepção das obras de Marx e Engels não apenas foram desenvolvidos pelos argentinos, mas também por pesquisadores de outras nacionalidades. A reconstrução dessa recepção no Brasil significa revisitar a nossa história do movimento operário, dos movimentos sociais, dos partidos políticos, das casas e projetos editoriais, dos editores e tradutores, dos intelectuais. Pode-se sublinhar aqui que esse estudo é uma chave para o entendimento da necessária relação entre teoria e prática revolucionária – relação esta que atualmente em nosso país não se estende muito além dos círculos universitários, tendo uma expressão quase nula no seio da classe operária.

Referências bibliográficas

GONÇALVES, Rodrigo Jurucê Mattos. A cauda do diabo: Antonio Gramsci na perspectiva de José Aricó. **Revista de Teoria da História**, Goiás, v.14, n.2, p.109-130, 2015.

MARX, Karl. **El Capital: crítica de la economía política**. 4ªed. México: FCE, 2014.

MARX, Karl. Il Capitale. In. **Marx Engels Opere Complete XXXI**. Nápoles: La Città del Sole, 2011.

TARCUS, Horacio. **Marx en la Argentina: sus lectores obreros, intelectuales y científicos**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

TARCUS, Horacio. **La biblia del proletariado. Traductores y editores de El Capital en el mundo hispanohablante**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2018.

Notas:

¹ Mestre em História. Professor na Rede Estadual de Ensino do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1694857207838468>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4925-1658>. Email: danielpetronzelli@hotmail.com.